

Roteiro do **Programa de Entrevistas** “Esquina do Célio”

- de novembro de 2021

Mauricio A. Brandão é:

R: Funcionário público concursado do Governo do Estado de SP. Graduado em História. Trabalhou por muitos anos em Desobsessão no “Centro Espírita Auta de Souza”, da Vila Mariana, fundado pelo Sr. Stig Ibsen e D. Edith; e alguns anos no “Centro Espírita Nova Era”, em Santana, com a Sra. Cristina, onde o trabalho de desobsessão era complementar as visitas as penitenciárias da região. Edita um *site* com tópicos espíritas, espiritualistas, sociais e históricos, chamado “Espiritualidade e Sociedade (www.espiritualidades.com.br)”.

1. Saudações

2. Estamos aqui hoje para conversar sobre o livro **Cristão**. É um romance meio histórico e meio mediúnico. Você pode nos explicar como foi escrito o romance?

R: Como lhe disse anos atrás, o Sr. Anselmo, foi (termos meus) o (espírito) organizador deste trabalho. (com certa modéstia, ele [Anselmo] disse que deu uma grande força, junto com meus amigos espirituais para a empreitada).

Nós, Roberto e eu, trabalhamos juntos vários anos no grupo de desobsessão do Auta de Souza e o Sr. Anselmo passava muitas orientações, acompanhava o nosso trabalho. Por volta de 2004/2005 começamos a receber mensagens/orientações para desenvolver este trabalho. Roberto “recebia” as orientações do Sr. Anselmo por psicofonia, psicografia ou mediunidade auditiva (Roberto tem uma mediunidade digamos mais ampla que a minha). Depois de certo tempo, acho que no começo de 2006, conforme as diretrizes e as informações prévias passadas, durante aproximadamente um ano, todo dia de manhã cedo, de 2a. a 6a. feira, antes de sair ao trabalho, as 8hs da manhã, por meia hora, eu me concentrava e dava continuidade na história - como minha mediunidade não é tão ampla, tirava muitas dúvidas com o Sr. Anselmo, em um trabalho de vai-e-vem - ao final houve uma revisão e o repouso do livro até 2019, quando foi feita uma revisão gramatical e editorial pelo Pedro Camilo e parcial pelo Alexandre Caroli.

3. Um personagem muito importante do livro é Paulo de Tarso. Como você compara o *Paulo* do livro *Cristão*, com o *Paulo* do livro *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel e com o *Paulo* do livro *As Marcas do Cristo*, de Hermínio Miranda?

R: Em primeiro lugar, como os amigos espirituais pediram que eu realçasse, o livro é sobre a história de Antonio, com todo o respeito que a figura de *Paulo de Tarso* merece. Há os grandes vultos da história, figuras memoráveis, missionários da luz. Acreditamos, entretanto, que é muito válido apresentar casos de pessoas mais comuns, digamos assim, em sua luta para se tornarem cristãos, se tornarem pessoas melhores, cristãs, espiritualistas. Como é o caso de Antonio, neste livro.

Além disso, há o *Paulo de Tarso* teológico, construção histórica e o Paulo vivo, aquele que sofreu pelos seus erros na Judéia e que sofreu na difusão do cristianismo, como missionário impar do chamado cristianismo primitivo. Hermínio Miranda faz um paralelo com Jesus e Cristo: “Jesus é o ser iluminado que ensinou e exemplificou sua doutrina, ao passo que o Cristo é uma construção teológica, histórica”. Em “*As Marcas do Cristo*”, Hermínio resgata principalmente a figura histórica, para o trabalho de simetria posterior que realizou com Lutero. Emmanuel, por sua vez, principalmente na juventude de Paulo, na Judéia, apresenta sua personalidade complexa, suas dores e dúvidas e, no decorrer do livro, sua vida missionária.

Antonio, durante sua convivência com Paulo em Roma, conhece a pessoa que gosta de conversar, de falar sobre vinho, sobre queijo, sobre as miudezas da vida, que gosta de ser simples, não se apresenta como apóstolo, como um ser especial, mas como um divulgador dos exemplos de Jesus. Ele prega a simplicidade e a irmandade entre as pessoas, a igreja como assembleia. Emmanuel discorre principalmente, embora não só, sobre o missionário, “*Cristão*” também apresenta o Paulo amigo, que fala de simplicidade.

Trecho do livro “*Cristão*” em que Antonio fala do Paulo que conheceu:

O que me importa realçar aqui é que já bem mais velho, o Paulo que conheci fugia do estereótipo constantemente sério e intelectualizado que muitos deduzem a partir de suas cartas e de outros escritos alheios. Quando levava a palavra de Jesus nas catacumbas, ao rezar e curar em nome de Deus, ao ensinar, mostrava uma sobriedade deveras acentuada, mas eu tive o privilégio, acredito que seja esta a palavra correta, a compartilhar-lhe a mesa, a ouvi-lo comentar da diferença de paladar do vinho grego, do cultivado em Nápoles e o do norte da península itálica. Discutimos sobre os tipos de queijos que ambos experimentamos em nossas andanças pelo mundo, pois de queijo ele gostava tanto quanto eu. O que gosto de lembrar, de lembrança tão saborosa que estes dois mil anos

desaparecem, são esses momentos de descontração em que riamos juntos, contava-me inúmeros casos, ensinava-me como com uma brincadeira podemos evangelizar tanto quanto com palavras altamente elaboradas. Transformava-se, mostrava a todos que para ser do Cristo não era necessário ser circunspeto e soturno, ao contrário, Cristo é vida, deveríamos sempre sorrir, amar a vida que Deus nos deu.

Nas reuniões em que comentava a “Boa Nova”, a palavra de Jesus, Paulo crescia tanto quanto nas suas epístolas. Orador fluente e carismático, ele cativava a todos com o verbo e o amor que irradiavam de sua fala.

Realçemos, porém, que *Paulo de Tarso* não foi o foco principal do livro “Cristão”. O livro traz duas personagens que influenciaram muito a Antonio, *Paulo de Tarso* e *Cibele*.

4. Paulo de Tarso está em Roma, uma época pouco explorada da vida do apóstolo na literatura espírita.

R: Paulo, ao chegar a Roma, já encontra núcleos cristãos organizados e vai ampliar a difusão do cristianismo. Como a personagem principal do livro, Antonio, vive em Roma, e pela sua posição social conhecerá aos cristãos e a *Paulo de Tarso*, figura histórica e ao Paulo, que se tornará seu amigo, na 2ª. parte do livro, descreve-se tanto *Paulo de Tarso*, missionário, como o cristianismo que se propaga na cidade e no império.

5. No livro, o que é judeu-cristão e ítalo-cristão? Por que você os distingue?

R: Ora, “judeu-cristão” são os cristãos de origem judaica, como Paulo. “Ítalo-cristão” são os cristãos que não eram judeus, muitos cidadãos romanos, libertos, escravos e outros. A relação entre estes cristãos e a maneira como cada um recebeu o cristianismo nem sempre foi a mesma. Não foi aprofundado este tema no livro, mas houve esta diferenciação. Com o passar do tempo, cristãos que não eram de origem judaica tornaram-se predominantes numericamente. O convívio tanto de Paulo, em Roma, como de Antonio, com os cristãos era principalmente com os cristãos romanos, mas havia muitas comunidades em que se misturavam tanto os membros judaicos com os não-judaicos de forma irrestrita.

6. Como você vê o debate dos pensadores que associam o cristianismo ao judaísmo, falando em uma “cultura judeu-cristã”. Você acha que há diferenças entre o judaísmo e o cristianismo que põem limites a essa visão?

R: Bem, não sou estudioso do tema, mas acredito que há origens comuns e diferenças. Pelo aspecto religioso, quando o cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano, pela força do império e pela ação de missionários cristãos foi se alastrando. Há estruturas da Igreja Católica e do Judaísmo que tem semelhanças, mas o cristianismo se alastrou, ganhou muitas vertentes, ficou até mais rico pela diversidade, enquanto o judaísmo foi infelizmente perseguido, muitos passaram por conversão forçada e outros tiveram que se refugiar em guetos. Na parte cultural, o judaísmo é muito rico e inúmeros judeus colaboraram profundamente no mundo cultural contemporâneo, por exemplo.

7. Você mostrou um paralelo muito rico entre a cultura romana e a cultura cristã. São dois mundos da vida (*lebenswelt*) muito diferentes. Pode falar um pouco disso para nós?

R: Se pensarmos na vida cotidiana, em história social, a cultura cristã herda os costumes do império romano, embora tenha influenciado a vida social romana com o correr dos séculos.

Ao pensarmos em mentalidade, a cristianização de parcelas da população trouxe valores sociais e culturais diferentes. No chamado Império Romano do Oriente, que durou mil anos a mais que o Império Romano do Ocidente a influência da cultura cristã foi predominando nas transformações de costumes.

Agora estas diferenças são relativas, pois a escravidão continua, a aceitação da autoridade política e econômica é grande, o cristianismo tornou-se um corpo burocrático conservador com o tempo, antecipando o que viria a ser na Idade Média.

No período do livro, a cultura cristã trará e realçará valores como piedade, perdão, educação, caridade, etc., conceitos totalmente estranhos aos conceitos predominantes no Império Romano no século I. Mas neste período do chamado “Cristianismo Primitivo” os grupos cristãos ainda eram muito diminutos e sua influência se dava pelo exemplo de algo novo, diferente, e pelo trabalho da assistência social que foi se alastrando entre os grupos mais pobres.

8. Você acha que dos muitos ítalo-cristãos convertidos dos segmentos superiores da sociedade romana estavam como o personagem, desapontados com o abandono dos valores romanos da república?

R: Sim, sem dúvida. Foi este desapontamento que provocou a queda da dinastia Júlio-claudiana e de várias outras depois. Mas este desapontamento

dos costumes conviveu com as benesses econômicas da expansão do império.

9. Antônio, o personagem central da trama, é um centurião que se torna cristão ao longo da história. Qual é a grande transformação do personagem?

R: Antonio conhece os cristãos em Roma e se interessa por eles, embora houvesse certa incompreensão das ideias cristãs por ele. Anselmo aponta que a incompreensão das ideias cristãs era relativa, pois Antonio tinha recebido a inspiração, ou seja, havia sido influenciado pelas ideias de Sêneca, e pelo amigo de família, Flavio; tanto que Antonio não teve grandes dificuldades, como outras personalidades da época de meditar e se aprofundar nas ideias cristãs, sendo a sua adesão ter sido mais demorada pelo fato de certo preconceito.

Antonio aceita mais os valores cristãos, as ideias, com o tempo, mas o cristianismo só entra em seu coração com Cibele e o trabalho com os camponeses e as crianças.

10. Como é a escravidão no império romano da época do romance e como acontece a relação improvável entre cidadão romano, escravo e estrangeiros livres?

R: Sem detalharmos demais a questão, pois não é um livro com este objetivo e há muito material bibliográfico disponível na internet sobre isto tentemos resumir. Grande parte dos moradores do que é hoje a Itália e outras regiões conquistadas, como Grécia, Tarso, etc., tinham a cidadania romana, o que lhe dava certos direitos. Como desde o fim da República Romana, com as conquistas de Júlio César e dos primeiros imperadores, o império romano cresceu muito em riquezas e escravos, o qual grande parte afluíu para Roma. Ter escravo tornou-se algo relativamente barato e comum. A relação com os escravos era muito diferente do que houve depois com a escravidão negra, tanto que era comum escravos serem libertos e enriquecerem.

A sociedade romana, com exceção da elite senatorial e dos cavaleiros, era formada principalmente pelos pobres que haviam emigrado das províncias. Importa lembrar que a sociedade era primordialmente rural, agrária. A participação dos escravos nas reuniões cristãs era muito pequena; além do que grande parte deles eram estrangeiros capturados e só se tornam cristãos com o tempo.

11. A sensação de estranhamento de um romano criado para ser militar e cidadão importante no coração do império ante o cristianismo está sempre presente nesse livro. Como você vê esse estranhamento diante da mensagem do Cristo hoje? Será que nos acostumamos ao Jesus burocrático das igrejas?

R: Este estranhamento que citou de certa forma continua existindo. Da herança medieval até recentemente, tempo de igrejas burocráticas, autoritárias e fechadas.

Nestas pequenas comunidades cristãs urbanas, que Paulo e Antonio conheceram, e nas pequenas comunidades cristãs rurais descritas na 3ª. parte do livro, com Cibele, havia certa comunhão de espíritos, de boa-vontade, de comunhão verdadeira, de entender o amor de Cristo que é algo raro hoje em dia.

Como, no livro, Paulo fala a Antonio:

– Ser cristão, Antonio, não é sorver o cristianismo como ao vinho que agrada o paladar, é sim germinar como a semente do trigo que dá frutos e alimenta ao povo da terra que a plantou e ao povo que na terra apareceu após a colheita. Ser cristão é multiplicar o Cristo!

E Cristo é o que? Antes de tudo exemplo de amor!

12. A cópia do Sermão da Montanha, que o personagem Antônio consegue, seria possível àquela época? Custaria caro? Ou é apenas um símbolo do “coração do cristianismo” frente ao estranhamento de um pretoriano romano?

R: Claro que não eram trechos revisados e gramaticalmente diagramados como os publicados hoje em dia. Utilizavam-se pedaços de couros mais baratos e rústicos em geral, e os que sabiam ler e escrever copiavam e copiavam os trechos.

Cópias de trechos do que veio a ser o evangelho é algo descrito em várias oportunidades no livro “Paulo e Estevão”, de Emmanuel.

Como quando Pedro dá uma cópia do pergaminho para Gamaliel.

“Simão Pedro, profundamente respeitoso, explicou-lhe as finalidades da instituição, esclareceu-o relativamente aos feitos verificados e falou do conforto dispensado aos que se encontravam em abandono. Carinhosamente, ofereceu-lhe uma cópia, em pergaminho, de todas as anotações de Mateus sobre a personalidade do Cristo e seus gloriosos ensinamentos.”

Quando Paulo pede a Ananias cópia do evangelho para copiar.

“E revolvendo o interior de surrada patrona, Ananias retirava alguns pergaminhos amarelentos, nos quais conseguira reunir alguns elementos da tradição apostólica. Apresentando essas notas dispersas, Ananias acrescentava: — Verbalmente, tenho de cor quase todos os ensinamentos; mas, no que se refere à parte escrita, aqui tens tudo que possuo.

(...) Depois de refletir alguns minutos, Paulo acentuava: — Se possível, pediros-ia deixar-me estes preciosos ensinamentos, até amanhã. Empregarei o dia em copiá-los para meu uso particular. O estalajadeiro me comprará os pergaminhos necessários.”

Claro que não era algo largamente popular em termos de difusão. Grande parte da população era analfabeta ou tinha conhecimento rudimentar de leitura e menos ainda de escrita. Poucos sabiam realizar esta cópia, não só pela questão do custo, mas pelo conhecimento intelectual.

Para facilidade literária no romance “Cristão”, como foi explicado na introdução, utilizamos trechos consagrados do Sermão da Montanha.

Se pensarmos na difusão do cristianismo por Jesus e por Paulo e mesmo Cibebe, esta difusão se deu principalmente de forma oral e por repetição de trechos.

Trecho do livro “Cristão”:

“Muitas das igrejas e agrupamentos cristãos fundados por Paulo em toda a Ásia Menor, na Grécia, em todo o Império Romano, foram alimentados, principalmente após a sua partida e de seus mais diretos colaboradores, pelas cópias constantes dos pergaminhos. Ao redor deles, os cristãos se reuniam nas igrejas nascentes, os que sabiam ler o faziam em voz alta para todos, conversavam e discutiam, muitos profetizavam e recebiam dos amigos espirituais cooperação e orientação. Boa parte disso, Paulo me contou enquanto conversávamos sob o céu de Roma.”

13. O *Villagio Fratello Gesù* (Vilarejo dos irmãos em Jesus) existiu mesmo ou é uma ficção no texto do romance?

R: Sim. Como consta no livro, a *Villa* fica bem perto da atual cidade italiana de “Sora”, na Itália, conforme indicou o Sr. Anselmo.

14. Sem dar “spoiler” para os possíveis leitores, há uma mensagem nessa história? O que ela nos diz hoje?

R: A principal mensagem cristã do livro se encontra na 3ª. parte, quando é descrito o delicado trabalho de Cibebe. A difusão do cristianismo feita com exemplo, com irmandade, com delicadeza.

Trecho em que Cibele fala a Antonio sobre a difusão do cristianismo.

– O cristianismo, Antonio, deve entrar nas casas das pessoas como a brisa da primavera ao entrar pela janela a refrescar os corpos cansados. Deve ser recebido com alívio, a água gelada a refrescar o sedento. Jamais arrombe a porta de casa alguma ao evangelizar, lembre-se de que representa Deus. O que disse por seu filho que amemos uns aos outros, não nos recomendou a nos impormos a ninguém.

Cibele aceitou os quiseram espalhar o cristianismo com afã de imposição, sabia que a cada um há um caminho de aprendizado e de dor. Ao ler sobre o trabalho de Cibele, sobre o exemplo que ela nos dá, podemos perceber a atualidade do livro.

Trecho de Cibele:

– Não é necessário que procuremos a dor e que sofram, mas quando ela nos procurar, saibamos estar preparados. Os pássaros também cantam no outono. Guardemos a sobriedade e expulsemos o rancor de nossos pensamentos, para que não nos tornemos prisioneiros dele. Conviver ao lado do Cristo não nos permite impor condições. A cada um o caminho que construiu. Que a nossa fé não desfaleça diante deste quadro. Nossas conquistas não poderão ser edificadas por enquanto, dentro do espírito de paz que o Cristo prega. E por algum tempo, virtude nenhuma há de florescer sem os martelos da dor que apara arestas e poda os espinhos de nossas imperfeições. A grande palavra que nos chega no momento, como benção infinita em qualquer tempo, é o recomeço. Recomeçar quantas vezes for necessário; a grande virtude que devemos começar a cultivar desde já é a de resistir aos apelos que nos chamam para o abismo, a queda, ao desalento.

Ao recomendar a oração e a ajudá-los a entender melhor as palavras de Jesus e de Paulo, Cibele buscava muito mais que do que fazê-los aceitar as agruras da vida, procurava inculcar-lhes ânimo e gosto pela vida, ensinava-lhes a dizer bom dia a Deus nos dias frios ou ensolarados, insistia que conversassem com as almas amigas através da oração e do silêncio, a ouvi-los nas dobras do coração.

– Por mais que sofram as dores do aprendizado, devemos orientá-los a construir o cristianismo em seus corações, procurar a felicidade em cada dia, em cada ação, em cada pão.

15. Não é o foco da nossa entrevista, mas o livro foi publicado tendo em vista o apoio de alguma instituição ou trabalho espírita?

R: Os direitos autorais foram cedidos para a “Associação Amigo Beija Flor” – que tem como objetivo promover atividades assistencialistas e de cidadania, estimulando o voluntariado a atuar como recurso humano e financeiro em ações solidárias; embora não seja uma entidade

restritamente espírita, esteja aberta a todos os voluntários, independente do credo.

Suas ações são divulgadas através desta página na internet - www.siteamigo.com - www.siteamigo.com/beijaflor/quemsomos.htm

16. Onde comprar o livro e porque um espírita deve lê-lo hoje?

R: Onde comprar - <https://www.lachatre.com.br/cristao>

Não apenas todo espírita, nem todo cristão ou mesmo espiritualista deva lê-lo, mas todos aqueles que se interessem em revalorizar a vida, em se aproximar de Deus, a olhar o outro como irmão, como filho de Deus também.

Esta história foi escolhida pela “Espiritualidade Maior” porque é um excelente exemplo das dificuldades de crescimento moral, espiritual e religioso (não no sentido de igreja formal, mas de grupo). A história de Antonio poderia se passar agora no século XXI, com algumas diferenças pela sociedade em que vivemos, mas várias semelhanças.

As dificuldades íntimas de Antonio seriam as mesmas porque que passa qualquer ser humano, cristão, espírita, que se interessa em colocar em prática as orientações de Jesus e alterar seu olhar sobre a vida, sua prática cotidiana.

Vejam que Antonio não faz, como fez Paulo após o encontro de Jesus no caminho de Damasco, uma mudança de vida radical de hora pra outra, mas sim uma mudança gradual. Foi o tempo necessário para que surgisse com força o “homem novo” e as “cascas” do “homem velho” fossem se desgrudando dele, as práticas do “homem velho”. É neste sentido que digo que o livro deve ser lido por todos que se propõem a procurar uma mudança em seu modo de ser, deixando claro que não é simples, é necessário esforço, interior e exterior (social).

Finalizando esta questão de tornar-se cristão, de ser cristão, termino aqui voltando a citar Hermínio Miranda: “Jesus não fundou uma nova religião, o que ele fez foi pregar e praticar com seu exemplo pessoal uma doutrina de comportamento”.

Abaixo, trechos da pregação de Paulo no livro, denominada “Simplicidade”:

Em tudo devemos seguir o método natural – começarmos a educação pelas coisas mais simples. Pois em tudo que havemos de educar, devemos começar a educação pelo cultivo do terreno.

Não devemos educar só o nosso cérebro, devemos educar nosso coração, nosso estômago e todos os nossos membros úteis, para que nenhuma de nossas faculdades se recinta em relação às outras.

A nossa melhor educação deverá ser sempre a mais simples, relativamente às exigências da vida.

A nossa vida propriamente dita é coisa fácil de se levar, desde que cada homem ao viver nela, procure pôr em todos os seus atos o cunho da simplicidade. Em tudo a simplicidade – no pensar, no comer, no vestir, no amar, no proceder e principalmente no perdoar. Na simplicidade esta a pureza.

O claro entendimento é a simplicidade no juízo; a frugalidade é a simplicidade no comer; a modéstia é a simplicidade no trajar; a pureza e a moderação são a simplicidade no amor; a verdade, a honradez e a franqueza são a simplicidade no proceder.

Só na simplicidade está a grandeza de tudo.

A simplicidade é a lei natural de tudo.

Na simplicidade está o justo equilíbrio de tudo.

Nos nossos atos para com os outros, devemos ser simples.

Nos nossos atos para conosco mesmo, devemos ser simples.

No hábito como no pensar, no alimento como no afeto, no gozo como na ambição, no lar como no templo, na família como na sociedade, nas funções de cidadãos como nas de homem, ponhamos em tudo a simplicidade.

A simplicidade desta forma será o cumprimento do dever.

Quem for simples, será generoso, será bom, será digno. Terá a sua vida em ordem e servirá bem a si, ao próximo e a Deus.

Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo nos abençoe.

Abaixo, trechos da pregação de Paulo no livro, sobre o Amor:

Vimos aqui lhes falar de amor. Assim me pede o Cristo, assim me ensinou.

Há muitos que mais temem o amor, ao amor sentir, do que temem as armas dos soldados.

Todos desejam reter o amor de Deus, recebê-lo e agasalhar-se com ele.

Todos temem espargir amor.

Podem dividir o pão com seu vizinho, mas temem amá-lo. Podem obedecer corretamente a um soldado, mas se negam a amá-lo.

O Cristo lhes pede que sejam suas luzes, pois seus filhos todos já o são.

Se frequentam as reuniões do evangelho, se discutem as palavras de Deus e se emocionam com seus sermões e suas parábolas, tudo isso O alegra.

De outra feita se o obedecem como cordeiros, mas não amam aos que lhes tosquam, são seus filhos, mas ainda não suas luzes.